

Notas do Raio de Gioventù Studentesca por videoconferência com Julián Carrón e Francesco Barberis

21 de maio de 2020

Francesco Barberis. Boa noite a todos, estudantes e professores conectados.

Começamos este Raio (a reunião semanal dos jovens de Gioventù Studentesca) cheios de gratidão por podermos trazer nossas perguntas e nossas preocupações e contar nossas descobertas a um pai que nos guia com sua humanidade, que junto conosco guia o caminho de Gioventù Studentesca. Agradeço a Julián Carrón, que nos dedica este tempo. Ao percorrer o tempo passado desde as palestras de Pigi e de Carrón no Sábado Santo, impressionou-me ler as 151 contribuições que chegaram para este Raio (as últimas são desta manhã). Primeiramente, é um sinal maravilhoso do caminho que estamos fazendo. Um de vocês disse: «Este período me foi dado para um retorno ao essencial». Pois é, esse essencial mesmo é a pauta entre nós hoje, só isso nos interessa. Por esta razão estamos tão agradecidos pela presença de Julián. Nós nos perguntamos: «Durante este período cheio de circunstâncias novas, difíceis, aulas à distância, convivência estreita com a família, distanciamento físico dos amigos, desafios do dia a dia, o que você pôde surpreender em si, quais descobertas fez, quais perguntas nasceram? Como foi que o encontro por ocasião da Páscoa com Pigi e Carrón dialogou com essas circunstâncias?» Obrigado, Julián, passo a palavra agora.

Julián Carrón. Olá a todos. É sempre um prazer encontrarmo-nos para falar das coisas – como dizia Francisco – essenciais da vida. Por isso vamos começar.

Oi. Neste período está sendo muito difícil fazer algumas coisas que antes eram muito mais simples, mais imediatas, como fazer a lição de casa à tarde ou prestar atenção às videoaulas, porque já não me basta saber que tenho de fazê-las, quero saber por que é que tenho de fazê-las. Quero que alguém me diga o motivo por que vale a pena fazê-las, a razão por que os meus esforços, o meu trabalho, o tempo e tudo o que emprego ao fazê-las não são vão, pois se não encontro ou ao menos não tento procurar um sentido em tudo isto, então prefiro não fazer nada. Não quero desperdiçar tempo e trabalho numa coisa que não tem um sentido, que não me ajuda, que não me faz feliz. Portanto, minha pergunta é: qual é o sentido do que tenho de fazer e do que faço? Isto vale não só para a escola, mas também para todo o resto. Por que preciso ficar fechada em casa? Porque alguém me mandou? Sinto muito, mas essa resposta não é suficiente. Sei que são muitas, muitas as perguntas e não tenho certeza de que um dia vou conseguir achar as respostas, mas não custa tentar. E também acho que não conseguiria aguentar sem fazer, cedo ou tarde, todas essas perguntas a alguém, ainda que fazê-las me seja bastante difícil.

Carrón. A primeira coisa que pudemos surpreender nesta situação particularmente dura que todos vivemos, com todos os contornos que vimos, foi o surgimento das perguntas, como as que você fez agora. Perguntas que urgem dentro de nós, e quanto mais a circunstância aperta, mais vemos que não conseguimos ir em frente sem uma resposta. Qual é a primeira coisa que você descobriu, a primeira coisa que aparece a seus olhos a partir do que disse? Não do que não disse, mas do que disse, o que vem à tona?

Quero saber por que motivo quero fazer as coisas.

Carrón. Sim, essa é a pergunta, mas você recebeu muitas respostas; o que veio à tona com elas? Você se perguntou: «Tenho de fazê-lo porque alguém mandou?» E acrescentou: «Essa resposta não é suficiente». E então você faz a pergunta a mim?

Porque quero encontrar um motivo pelo qual fazer as coisas.

Carrón. É muito bonito o que você descobriu: não adianta alguém lhe dar as respostas. Estamos mais do que cheios de respostas, todo mundo pode dar uma ou outra. Vocês viveram nestes meses cheios de iniciativas de uns e de outros, mas a partir do que você disse penso ter entendido que todas essas respostas não lhe bastaram. E então o que você descobriu em seu caminho? Para mim, é

decisivo que vocês se deem conta disso, porque muitas vezes pedem uma resposta de alguém, recebem uma avalanche de respostas, mas depois se perguntam: «Eu tenho de fazer as coisas porque alguém mandou? Sinto muito, mas essa resposta não me basta». Então que passo lhe sugere o que você descobriu? Para ser sua, a resposta precisa ser uma descoberta sua.

Que também é importante saber a quem fazer essas perguntas.

Carrón. Sim, mas o ponto é que, mesmo que você faça a pergunta a quem encontra pela rua ou a quem lhe está próximo, durante este período você recebeu muitas respostas, mas o que veio à tona é que não lhe basta receber uma resposta. Para que você possa encontrar uma resposta de verdade, a descoberta dela deve ser sua. Posso dar-lhe uma sugestão, propor alguma iniciativa qualquer, mas no fim – parece-me incrível o que você disse –, se não for uma resposta sua, não lhe basta. E isto indica uma coisa fundamental: para virarem adultos, vocês têm de tomar nas mãos a sua vida tentando encontrar as respostas que os convencem, senão nada lhes bastará. Você mesma precisa descobrir os motivos do que tem de fazer. Você diz: «Por que tenho de ficar em casa? Ou por que tenho de estudar? Ou por que tenho de fazer isto?» Não o faça, quem está mandando? Não estude, quem está mandando? Por que o faz?

Faço por hábito.

Carrón. Certo, mas agora esse fazer por hábito não adianta para você ter um motivo adequado para fazer. Mesmo assim você fica em casa, estuda e faz as coisas. Por quê?

Porque talvez haja um sentido, então quero descobri-lo.

Carrón. Então tem uma razão para começar. Talvez lhe convenha arriscar para ver se há um sentido. Senão, por um lado, vocês ficam esperando que alguém lhes responda, e por outro lado dizem: «Não me basta alguém me mandar fazer». Se ficarem olhando a vida da janela, aí sempre terão alguma queixa a fazer. Implique-se! Se você não descobrir os motivos, ninguém vai poder dar-lhe a razão adequada para mover-se de determinada maneira. Alguns meses atrás, num encontro com os formandos, uma garota disse: «Eu quero fazer Medicina, mas não quero perder o tempo das férias preparando-me para a prova, porque férias são férias!» Eu lhe disse: «E quem está mandando? Vá à praia. Por que precisa fazer a prova? Vá à praia». Imediatamente me respondeu: «Mas eu quero estudar Medicina!» «Então estude! Quem está impedindo?» Não esperem alguém que os convença. Eu não tentei convencê-la, mas a desconcertei com uma pergunta. Assim como agora não estou tentando convencer você. Por quê? Porque é inútil tentar convencê-la das minhas ideias, como foi inútil tentar com palavras convencer aquela garota de que era melhor estudar do que ir à praia. Mas assim que a desafiei: «Vá à praia, quem está impedindo?», ela descobriu, de dentro da própria experiência, que lhe convinha estudar para a prova. Ela tinha descoberto o motivo: frequentar Medicina. Imediatamente o motivo lhe apareceu com clareza.

Entende por que Jesus, em vez de responder imediatamente às perguntas deles, desafiava os discípulos? Eles também devem ter-se queixado com Jesus quando viram que todos tinham ido embora (cf. Jo 6,66-67). Talvez lhe tenham pedido: «Dá-nos um motivo para ficar contigo». Mas Jesus lhes fez uma pergunta: «Também vós quereis ir embora?» Jesus desafiou-os, e essa foi a ocasião para Pedro recuperar o motivo de segui-Lo. Não foi necessário nenhum comando da parte de Jesus. A experiência vivida com Ele o convencia, era motivo suficiente para ficar: «Aonde iremos? Só tu tens palavras de vida eterna» (cf. Jo 6,68). Jesus esperou que Pedro o descobrisse, depois de tê-lo desafiado. Por isso, essa passagem da sua experiência é ótima, se você entender o tamanho dela: não adianta só fazer as coisas porque alguém mandou. Quando você lhe faz uma pergunta, o outro colabora com você oferecendo-lhe uma hipótese de trabalho: «Olhe e veja se esta minha sugestão ajuda a descobrir os motivos para fazer determinada coisa». Mas depois a sua descoberta é que deve pô-la em movimento, deve nascer das suas entranhas, da sua vivência, da convivência humana que você descobre. Por isso, boa aventura! Assim vocês começam a dar-se conta de que não adianta só descarregar em outro, quem quer que seja, o ônus da resposta, porque não lhes basta. Às vezes, é necessário ter trabalho para dar-se conta da realidade.

Olá a todos. No dia 4 de maio, quando as autoridades nos deram a permissão de andar com menos restrições, eu fui correr, não longe de casa, para o treinamento semanal que sempre faço há alguns anos. Desta vez, porém, foi diferente. Passando perto da colina (onde já tinha passado mil vezes!), encantei-me com a beleza da paisagem, com o verde vigoroso das plantas, e até mesmo com o som dos grilos; coisas a que antes eu nunca tinha prestado atenção. E embora normalmente eu não goste de correr sozinho (mas neste período sou obrigado), naquele momento não desejei mais do que aquilo que estava vivendo. Eu estava consciente daquilo que tinha, mais do que daquilo que poderia ter. Assim, alguns dias depois, falando desta minha experiência na Escola de Comunidade, nasceu em mim uma pergunta: «Por quê? Por que naquele momento fiquei encantada com a beleza da realidade, sendo que em outras vezes não foi assim?»

Carrón. E que resposta você começou a dar? Depois do que eu disse à amiga que te precedeu, não podemos voltar atrás. A resposta deve ser uma descoberta de vocês.

Acho que a realidade se impôs naquele momento.

Carrón. E por que dessa vez a realidade se impôs? Essa mesma realidade também estava presente antes, muitas vezes você fez a mesma corrida, viu as mesmas coisas, a mesma beleza, mas sem notá-la.

Talvez porque naquele momento eu estivesse mais atento.

Carrón. Perfeito. Primeiro, estava mais atento. E o que o deixou mais atento? Temos de dar-nos conta de como as coisas ocorrem. Para você, por que esteve mais atento? Neste período de confinamento você fez algum treino, algum exercício específico?

Não, não.

Carrón. E então de onde nasceu essa atenção?

Da vontade de ser surpreendido.

Carrón. Nessa manhã, enquanto ainda estava em casa, por acaso você disse: «Agora vou exercitar a capacidade de me surpreender esta manhã» e aí se surpreendeu? A primeira coisa foi uma constatação: muitas vezes tinha feito aquela corrida, mas nunca se surpreendeu como se surpreendeu naquele momento. E o que isso tem que ver com tudo o que viveu antes, quando não podia correr por estar confinado em casa? Há alguma relação entre uma coisa e outra, na sua opinião?

Quando por um determinado período de tempo não podemos fazer as coisas habituais, é como se se tornassem novas quando voltamos a fazê-las. Eram as de sempre, mas depois de semanas de inatividade nasce o desejo de ir correr, como se já não fosse tão corriqueiro fazer uma corrida. Por isso você se admirou mais com o que sempre estivera lá, na sua frente. Portanto, o ter sido obrigado, como todos nós, a não sair como antes, com a mesma liberdade, fez nascer um desejo e uma atenção pela qual você, quando pôde fazer de novo o percurso de sempre, se surpreendeu com o que havia, mas de que antes não se dava conta. Desde o início me marcou muito uma frase de Dom Giussani – que depois citei num artigo no *Corriere della Sera* para ajudar-nos a viver juntos o desafio do Coronavírus –: «Um indivíduo que tenha vivido pouco o impacto com a realidade, porque, por exemplo, teve pouco com que se esforçar para realizar, terá um escasso sentido da própria consciência, perceberá menos a energia e a vibração da sua razão» (*O senso religioso*, Jundiaí: Paco Editorial, 2017, p. 155), ou seja, não se admirará com o que tem na frente dos olhos. A dificuldade pela qual você passou como que te exercitou – eis o verdadeiro treino – a uma atenção que antes não tinha. Veem que quando aceitamos a provocação da realidade tudo acaba servindo? Para que serviu ter aceitado a situação imposta pelo Coronavírus, quer dizer, o fato de não poder sair de casa? Serviu para adquirir uma capacidade de atenção que talvez antes não tivesse.

Se em vez de reclamarmos de uma circunstância – qualquer que seja ela – a aceitamos, seguindo o modo com que a realidade nos alcança, então nos surpreendemos que a realidade nos fale mais e percebemos coisas com que antes nunca nos tínhamos surpreendido. Este é o ganho que nós podemos obter do seguimento à maneira com que a realidade nos provoca. E nós vemos que é um ganho porque, quando voltamos à situação normal, o que damos por sabido nos toca, nos

surpreende. Qualquer situação pode tornar-se uma ocasião para educar-nos. Quando a aproveitamos, logo enxergamos o ganho que significa para nós: a realidade fala-nos mais. É impressionante você ter-se surpreendido tanto com uma coisa que lhe era familiar, pois é como se a tivesse visto totalmente nova, e então ela lhe falou mais, marcou mais.

O que tudo isso tem que ver com o convite que Dom Giussani nos faz a «viver intensamente o real?»

Oi. Nos últimos dias eu percebi que, apesar de tentar fazer com que tudo saia bem – fazer as tarefas de determinada maneira, acompanhar as aulas atentamente (por mais que isso seja extremamente complexo) e comportando-me bem –, isso não basta. Houve dias em que fiz o meu dever, mas mesmo assim estava insatisfeito, como se me faltasse alguma coisa, uma parte desta grande equação que é a vida. A pergunta que brotou em mim cheia de prepotência foi: se nem sequer fazer o que deve ser feito corretamente adianta para ser feliz, então o que adianta? Por que é que, apesar de vivermos tranquilamente com os amigos e os familiares, muitas vezes nos sentimos sós e perdidos? Por que algumas vezes, mesmo tendo cumprido tudo corretamente, no fim não consigo resolver nada? Percebi que normalmente faço tudo bem e depois, no fim, não estou feliz, ao passo que há muitas vezes em que algo deu errado, eu briguei com alguém ou simplesmente não acompanhei direito a aula como gostaria, e ainda assim fico cem vezes mais feliz do que quando cumpro meu dever perfeitamente.

Carrón. Então, em primeiro lugar, o que isso diz de você, o que isso revela de você?

Que normalmente as coisas que nos deixam felizes não são as que fazemos.

Carrón. O que nos faz felizes não é um produto da nossa ação, o que corresponde ao seu desejo não é algo que você faça – isso é o que aparece com clareza no que você disse –; mesmo fazendo tudo corretamente, isso não basta, porque o seu desejo é muito maior. É de suma importância dar-se conta disso, senão a gente fica meio desnordeado: «Como assim? Eu fiz tudo e não me basta?» Sim, porque «tudo é mísero e pequeno diante de nossa alma», diz Leopardi (“Pensamentos, LXVIII”. In: G. Leopardi, *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996, p. 497). Tudo o que fazemos é pequeno demais para o que o coração deseja. Se alguém não entende isso, pode chegar a dizer: «Então é melhor nem fazer». Mas não, você precisa entender por que é preciso fazê-lo, antes de tudo. E, segundo, é preciso deixar a questão aberta: se o que me faz feliz não é o que tenho de fazer, então o que me faz feliz? O que é adequado a toda a minha exigência de felicidade? De fato, o que é preciso descobrir realmente – esta é a grande aventura da vida, não? – é aquilo que é capaz de preencher o coração, de dar-me a plenitude que meu coração está esperando, à qual vem aspirando desde sempre. Se eu lhe perguntasse: «Quando você experimentou momentos de plenitude, o que descobriu? O que preencheu seu coração?»

Não sei exatamente, mas...

Carrón. Não se preocupe agora com saber dizer, deixe a pergunta aberta, para que a partir de agora, quando acontecer, você possa dizer: «Ah, é isso o que eu desejava». Mas talvez você já tenha uma intuição agora.

Sim, mais ou menos.

Carrón. Tente. Estamos aqui entre amigos.

Costumo sentir-me feliz de verdade quando tenho ao meu lado pessoas que me ajudam a ser feliz.

Carrón. Isso já diz que o que te faz feliz não é o seu fazer, mas presenças que são mais adequadas à sua exigência. E todas as pessoas são iguais? Todas as pessoas fazem você igualmente feliz? Você conhece muitas pessoas, não?

Sim. Há aquelas mais importantes e aquelas menos importantes.

Carrón. Perfeito! Por que algumas são importantes e outras não? O que têm as que são importantes? É uma aventura fascinante, pessoal! Não é tudo igual. De jeito nenhum! Se estivermos atentos – como dissemos antes –, começamos a dar-nos conta de que, mesmo quando fazemos bem as coisas, isso não nos basta, pois é muito pouco; e aí começamos a notar que ficamos realmente contentes quando há presenças, que não são todas iguais, que há uma diferença entre elas; e assim

começamos a enxergar algumas presenças que têm algo que preenche o coração mais do que outras, têm um jeito de posicionar-se no real que as torna particularmente importantes para nós. E com essas presenças é possível fazer de outra maneira as coisas de sempre.

Hoje no almoço me contaram um fato. Há um rapaz que terminou a faculdade e está trabalhando; seu pai – ambos trabalhando de casa por causa do Coronavírus – ficou tão impressionado com como seu filho vivia e trabalhava em casa, que se transferiu para o espaço onde o filho trabalhava a fim de ficar lá com ele. Não para não trabalhar, mas para poder prestar atenção a como o filho trabalha – ele que tem muito mais horas de experiência que o filho, mas não sabe como fazer – e aprender a trabalhar como ele. Não há uma contraposição entre as coisas que temos de fazer e essas presenças, pois são presenças que nos dão uma razão e nos facilitam o fazer o que se deve fazer. Então você já não depende do fato de as coisas darem certo, mas de algo que lhe aconteceu: o encontro com certas presenças que te sustentam e tornam ainda mais aproveitável até o estudo. Tudo se une e no fim de um dia a pessoa pode estar muito mais plena. Começa a enxergar que há uma unidade na vida e que, quando encontra certas presenças que lhe facilitam a relação com o que deve fazer, tudo fica mais pleno. Desta forma você começa a encontrar uma resposta, a identificar uma resposta à sua pergunta. Para mim, isso é fundamental, pois quem quer «viver intensamente o real» precisa prestar atenção a onde isso se dá, a onde há alguém que viva intensamente o real, para poder segui-lo, como fez aquele pai, que poderia ter dito: «Mas eu não posso, sendo pai, passar a ser “filho” do meu filho». Porém ele teve a simplicidade de quem não se escandaliza em ter de aprender – mesmo sendo grande – com seu filho, e assim virou “filho” do filho. Essa simplicidade deve ser aprendida. Seguindo um outro em quem vejo explodir a vida, a certa altura essa vida me contagia. Então, que valor têm essas presenças?

Nesta quarentena fiquei pensando numa frase do rapper Marracash: «Preencho o tempo, mas não o vazio». Faço muitas coisas e até consigo estudar de modo aprofundado, o tempo passa, mas meu coração fica aborrecido, apagado, acostumado a não pedir mais nada. Cheguei ao ponto de ao fim do dia perguntar-me: «Você fez um monte de coisas, mas isso é suficiente para viver?» Nestas semanas fui tirado do nada por algumas “presenças amigas”, que me ajudaram a ser mais homem perante a realidade. Momentos como a Escola de Comunidade e conversas com amigos queridos me despertaram sempre e me fizeram entender que quero viver ao máximo também numa situação do gênero. Não me basta uma “empolgação”, procuro algo que persista todo dia, dentro ou fora de casa. Porém, mais do que nunca neste período, estou distraído e caio nas minhas preocupações e nos problemas. Então me pergunto: «Como se faz para sermos homens nestas circunstâncias? Como se faz para sê-lo sempre?»

Carrón. Incrível! Marracash captou muito bem a situação da vida: «Preencho o tempo, mas não o vazio». Podemos preencher o tempo com muitas coisas, mas não conseguimos preencher o vazio que temos dentro de nós. Para muitos isso é simplesmente uma desgraça, mas para alguém que quer bem a si mesmo é o sinal – como dissemos antes – da grandeza do nosso eu: podemos preencher o tempo com muitas coisas, mas não podemos enganar nosso coração, pois o vazio que ele percebe não é preenchido pelo que imaginamos ou fazemos, mas por algo que está para ser descoberto. Qual é o alerta de que não é essa a resposta? Que me aborreço. Se estamos atentos a como as coisas acontecem na nossa experiência, temos todos os fatores para fazer o caminho. Com efeito, assim que você se aborrece, diz: «Não é isto». Então se põe com mais atenção a procurar o que o ajuda. Assim começa a dar-se conta de que às vezes é tirado desse vazio por determinadas presenças amigas, e por isso as segue.

No início, como você vê, pode haver momentos em que diz: «Eu não me contento em preencher o tempo», e outros momentos em que começa a ver o esplendor de algo que é o início da resposta. A questão é como esses momentos podem tornar-se cada vez mais frequentes. É a isso que Dom Giussani sempre nos convidava. Nós pretendemos um milagre, ou seja, que tudo ocorra num instante, mas às vezes ocorre algo em determinados momentos, mas esses momentos não bastam para satisfazer toda a exigência que temos no coração, e então queremos que isso fique cada vez

mais estável. Por isso Dom Giussani nos diz: «Esperem um caminho e não um milagre que vos evite as responsabilidades, que anule o vosso cansaço, que torne a vossa liberdade mecânica (L. Giussani, *Encontro nacional de finalistas do Liceu*, Rímimi, 28-30 de setembro de 1982, apud A. Savorana, *Luigi Giussani: A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017, p. 654). É preciso seguir essas “presenças amigas”; é esta a decisão a tomar, de modo que pouco a pouco se torne seu o jeito delas de ser. São essas presenças que te tiram da distração e, quando você está preocupado, te escancaram o olhar para não ficar preso nas suas preocupações. Como vemos Jesus fazer constantemente com seus amigos, que, apesar de terem visto milagres enormes como a multiplicação dos pães, no barco discutem porque esqueceram os pães, e aí como é que Jesus os ajuda (cf. Mc 8,19-21)? Não realiza outro milagre – seria fácil para ele, não? –, mas faz com que deem um passo de consciência: «Será que não entendem que o ponto é o relacionamento comigo, que os tira constantemente da distração?»

A questão é ter um lugar onde a minha vida seja constantemente retomada; por isso Jesus diz: «Se aceitarem seguir-me, se aceitarem seguir minha amizade, participar da minha amizade, pouco a pouco descobrirão como ela se torna cada vez mais de vocês». Este é um caminho que podemos decidir fazer ou não. Depende da nossa liberdade. O fato de já aparecerem esses momentos quer dizer que há uma resposta, que não estamos no meio do escuro; como quando conseguimos resolver um problema de matemática e depois erramos de novo, o fato de termos conseguido uma vez quer dizer que podemos aprender, mas só se fizermos um caminho, se formos acompanhado por alguém que nos ajuda a fazer um caminho, até nos surpreendermos porque se torna cada vez mais nosso. Nós não conseguimos aprender tudo de uma só vez. É o convite que nos fazemos mutuamente, é o convite que Jesus nos faz para seguirmos uma modalidade pela qual pouco a pouco o que Ele quer dar-nos se torna cada vez mais nosso. Mas às vezes nós somos impacientes: se não acontece tudo aqui e agora, logo, introduzimos como que uma suspeita. Não! Não vamos conseguir aprender tudo de uma só vez, assim como você não consegue aprender a matemática toda de uma só vez – sabemos muito bem disso –. Se aceitarmos este método, que é mais conforme à nossa vida, pouco a pouco, com o tempo, se tornará cada vez mais nosso; e você já tem alguns sinais, viveu momentos em que a resposta aconteceu.

Mas em toda esta circunstância que tivemos de viver – a pandemia – aparece como urgente o problema do mal.

Oi. De onde vem esse mal? Por que Deus permite que exista, já que Ele só quer o nosso bem? O que nos está pedindo ao nos fazer atravessar este mal que misteriosamente permite? Qual bem me está pedindo para descobrir ou redescobrir? A atenção de que mais sinto falta é a que me permite perceber as perguntas que Deus me vem fazendo estas semanas por meio destas circunstâncias e entender ao que sou chamada. Como quer que seja, estou bem e feliz mesmo se tenho dificuldades. O fato de ser amada é uma certeza que carrego comigo em qualquer situação, mesmo nos momentos de tristeza. Para mim, este período é uma grande escola. Não posso determinar a minha vida, nada depende de mim, mas posso amar a vida e as pessoas que continuam sendo dadas a mim.

Carrón. Como como isso que você descobriu responde à sua pergunta? «De onde vem esse mal?» Não adianta fazer uma pergunta e depois esquecê-la. De o que você disse não responde a essa pergunta, significa que o que você vive não te ajuda a responder. E então a pergunta vai vir de novo, e é como se tudo o que você contou não adiantasse. O que você descobriu em todo este período para responder às perguntas «de onde vem o mal?», «por que Deus permite que exista, já que Ele só quer o nosso bem?», a partir do que você mesma disse? Nós não podemos eliminar as perguntas porque são cruciais para o caminho da vida. O mal, o que é o mal? Algo que não te deixa bem. E o que você disse que te fez sentir bem?

O fato de ser amada.

Carrón. Perfeito! Simples. Vocês fazem descobertas espetaculares, a questão é que muitas vezes não se dão conta. Por que Deus nos fez? Fez-nos no início da história para ter uma criatura com

quem compartilhar Sua felicidade. Deus criou o homem num relacionamento de proximidade, familiar, como diz o livro do Gênesis, para partilhar com ele tudo o que tinha criado e pelo qual até o Senhor parecia admirado, de tão bom que era. «Deus viu tudo quanto havia feito, e era muito bom» (Gn 1,31). Mas uma vez que Ele quer ser amado – como você e como eu – livremente, o homem pode dizer não a esse amor. E quando diz não, em que condição vai parar? Fica mal. Como é que você fica quando diz não a um amor? Mal. Vê de onde nasce o mal? De dizer não ao que é o seu bem, ao bem para você.

O mal entra na história por uma escolha da liberdade do homem que, em vez de favorecer o bem que torna o eu totalmente ele mesmo, abre mão do que constitui o seu bem e decide afastar-se d'Aquele que o ama, e então fica mal. Quando o homem recupera a consciência de ser amado, começa a ver as coisas de um jeito diferente. Mas já que Deus não quer impor o Seu amor, deixa à sua liberdade a decisão de aceitá-Lo e continua buscando-o uma vez atrás da outra, pois não quer impor-se sobre você. O problema todo da vida é de quanto tempo precisamos para descobrir que só pertencendo Àquele que é o bem podemos ser verdadeiramente contentes e felizes. Em todo caso, Ele nos dá todo o tempo, pois não quer impor o Seu bem. Muitas vezes nos espantamos com isso e então dizemos: «Por que é que Deus permite isso?» Por que Deus não quer entrar como um elefante na “loja de cristais” da sua liberdade para pará-lo toda vez que você estiver fazendo alguma coisa? Porque se agisse assim, nunca se tornaria seu o bem d'Ele para você. Você gostaria de ser amada livremente ou preferiria que, para não correr o risco de que erre e te faça mal, a pessoa que você ame te quisesse bem mecanicamente? O que você prefere?

Que me ame livremente.

Carrón. E você acha que Deus queira menos que você? Ele também prefere ser amado livremente. Se não fôssemos amados livremente, não seria amor; se não pudéssemos amar livremente, não seria amor. Por isso às vezes sofremos as consequências das nossas escolhas ou das de outrem e ficamos mal, mas Deus espera, como o pai do filho pródigo esperou que voltasse para casa livremente, não o amarrou à cadeira para impedi-lo de fazer o mal, para que não fosse embora de casa e não acabasse por comer com os porcos, ou seja, para que não fizesse o mal. Este é o sinal do grande amor que Ele tem pela nossa liberdade: quer ser amado livremente, assim como você quer ser amada livremente. E quando você percebe que pode «amar a vida e as pessoas que continuam sendo dadas a mim», recupera de novo o bem. Nesse sentido, este período é uma grande escola: para você compreender que para ser realmente feliz precisa deixar-se amar. E só então, quando aceita as pessoas que te são dadas, que te amam, você começa a ser feliz, e o mal que te separa dos outros começa a ser vencido. O que acontece com as pessoas acontece também com Jesus. Por isso os discípulos ficavam com Ele, não eram bobos! Depois erravam, achavam que fosse melhor fazer da cabeça deles, mas foram aprendendo que apenas estando com Ele a vida era cada vez mais vida. Esta é a paciência que Ele tem conosco.

O que isso tem que ver com a religiosidade?

Olá. Um dos meus amigos mais caros, um padre, toda vez que me escrevia neste período me perguntava se eu estava rezando, o que rezava e quando. Como se minha única maneira para sentir Deus ou para falar com Ele fosse essa, quase como uma obrigação. Inicialmente eu escutava seus conselhos, tentava rezar mesmo quando realmente não queria por estar tomada por muitas coisas. Depois percebi que quanto mais rezava, mais me sentia inadequada em relação ao que estava fazendo, como se o cristianismo não me pertencesse, como se Deus me fosse estranho. A mesma coisa vem ocorrendo também com o estudo, com as videoaulas, com os meus amigos, com qualquer coisa e pessoa. Por que este meu sentir-me inadequada? Não sei de verdade onde está a resposta no que me acontece, nesta realidade para mim cada vez mais opressora, a ponto de me faltar o ar que eu respiro.

Carrón. Veem que, se a resposta não é uma descoberta nossa, não conseguimos vencer essa estranheza em relação às coisas? Nada pode ser imposto. Por isso Deus ama tanto a nossa liberdade, porque se Ele não entra dentro das nossas entranhas livremente, nós não o desfrutamos e no fim

tudo nos é estranho, até mesmo a relação com Ele na oração. Portanto, temos de descobrir desde dentro da nossa experiência quando as coisas despontam em nós com toda a sua força. Em alguns momentos você se pegou rezando – como lhe sugeriu o amigo padre – como um gesto que brotava de uma urgência sua?

Sim.

Carrón. Havia alguma diferença?

Sim, havia.

Carrón. Rezamos porque precisamos. Quando a oração nasce da necessidade, você não a sente estranha. Mas para que você perceba a sua necessidade, precisa acontecer algo que faça você reconhecer isso. Imagine que tenha de ir ao dentista hoje: não tem vontade, pode adiar a consulta, é um peso ter de ir, como se fosse uma coisa que “tem de fazer”. Mas se de repente sentisse uma dor de dente agora, você estaria aqui discutindo se vai ou não? Sentiria estranho a si o ir ao dentista?

Não.

Não. Por quê? Porque nasceria de uma urgência sua. Por isso, se nós não descobrirmos que a oração surge do interior da nossa necessidade, a “padeceremos” como algo imposto. Também vale para o estudo: se eu não perceber por que preciso estudar, prevalecerá o nosso “estou sem vontade”. «Quem está mandando fazer? Não estude, vá trabalhar». «Não, porque eu quero aprender.» «Então você tem uma razão para estudar.» Só quando nos deixamos desafiar pela realidade podemos descobrir uma razão depois da outra, porque quando a nossa ação surge de dentro da nossa necessidade então temos um motivo adequado para fazê-la. Isto é necessário se quisermos fazer um caminho humano, senão tudo será opressor, pois não teremos a razão adequada para fazer qualquer coisa. Só ao partirmos da experiência é que podemos entender-nos, senão ficamos discutindo imagens nossas. Como a garota que me disse que queria fazer Medicina, da qual eu falei antes. Senão é como se nós, adultos, é que tivéssemos de convencer vocês a estudar! Não estudem. Mas se você se pergunta: «Quem está me obrigando?», e diz: «Eu quero fazer isto quando crescer, ter esta função no trabalho para me dedicar aos outros», só descobrindo as razões é que você poderá ver que o esforço que precisa fazer não oprime. Se você não fizer nada agora, se não estudar agora, amanhã a vida vai ser mais fácil para você?

Não.

Carrón. Simplesmente você adia o problema. Por isso é importantíssimo usar todas essas perguntas de vocês para ir a fundo na descoberta das razões que tornam a ação que temos de fazer menos opressora. E não se trata de “ficar complicando tudo”, mas de perguntar-se: «Por que faço isso?» É preciso um eu para viver, não um robô que recebe ordens que chegam da torre de controle ao terminal último da sua “cabecinha”. Se vocês não tiverem um amor por si mesmos, uma paixão pelo seu destino, uma paixão pela sua felicidade, quem manda vocês fazerem? Ninguém pode impor-lhes nada. Por isso nós estamos juntos, para não nos poupar desse caminho, caso contrário, como dissemos no início, não adianta só fazer as coisas porque alguém mandou. E quando você deseja viver segundo essas suas exigências, começa a perguntar-se: «Onde encontro pessoas que querem ir aonde eu vou? Onde encontro pessoas que estudam? Onde vejo pessoas que respondem à necessidade? Onde vejo pessoas que rezem não por hábito? Onde vejo gente que esteja inteira no que faz? Que aproveite o que faz e não se sinta oprimida por ter de fazer?» Aí começa a aventura, porque é uma questão de atenção; de fato, nem todos aqueles que você encontra pela rua querem viver como você deseja. Então a primeira questão é se você aceita ir até o destino com aqueles que querem ir aonde você quer ir – e assim vocês se sustentam mutuamente nesta aventura fantástica da vida –, com aqueles que se importam com o próprio destino, com a própria realização. Por que deveríamos estar juntos senão por isso? Que razão temos senão ajudarmo-nos mutuamente a caminhar rumo ao que realiza a vida, ou seja, ao nosso destino? Não seria razoável. Isto também poderia tornar-se opressor. Não é verdade?

Olá. Penso em momentos fortes nesta quarentena, de uma imersão no dizer “Tu” com uma concretude nova para mim. Ainda tímida e insegura sob certo aspecto, mas não me preocupo com

isso. Penso que seja uma coisa que tem seu tempo. Reconheço que houve momentos evidentes deste diálogo com o Mistério, talvez desta autoconsciência, mas ainda não sei bem o que quer dizer. O ponto é que preciso mesmo dessa consciência para rezar com sinceridade.

Carrón. Estão vendo?

Para pedir com sinceridade. Senão vira uma coisa automática, e eu deixo de estar presente nesse pedir. É como se percebesse essa consciência ausente como uma aridez. Mas como posso compreender essa relação sem que seja um parêntese? Como pode essa falta de diálogo ser um diálogo? Há uma pergunta que li nas Anotações da Escola de Comunidade com você (de 6 de maio) e que me capturou enormemente, de tanto que a sinto verdadeira: «Há algo que você defende de Mim porque tem medo de que ali Eu não possa vencer?», dizia uma pessoa ao sentir-se questionada por Jesus. Sem querer entrar em detalhes, tenho em mente situações da minha vida que, talvez um pouco automaticamente, tento excluir porque realmente me parecem um beco sem saída. Talvez um pouco a modo de desafio, a minha resposta é “sim”, porque o desafio está aberto e ainda não tenho uma resposta. Até porque ecoam continuamente na minha cabeça algumas palavras, acho que ditas por você, Carrón, de que tudo faz parte do caminho.

Carrón. Tudo faz parte do caminho. Concorde com isso?

Sim.

Carrón. E então?

Então não preciso excluir nada. Exato, não é automática, mas para ser completamente verdadeira preciso compreender tudo.

Carrón. Exato, mas isso se dá no tempo. Isso é fundamental para nós, porque muitas vezes não reconhecemos o valor do tempo e queremos tudo aqui e agora, como eu disse agora há pouco. Só pouco a pouco as coisas se tornam nossas, porque é a forma mais conforme à nossa natureza. Se um professor pretendesse ensinar-lhes tudo em pouco tempo, seria absolutamente inútil, porque não lhes permitiria entender. O Mistério curva-se à nossa natureza para não forçar as coisas conosco. Mas muitas vezes percebemos isso como um a menos, porque as coisas não ocorrem imediatamente, ao passo que isso é o sinal da ternura do Mistério, que nos dá o tempo de que precisamos para assimilar de modo humano cada passo. Por isso há momentos evidentes em que estamos presentes inteiramente e outros em que é como se não estivéssemos. Mas em vez de “flagelar-se”, tome isso como uma ocasião: «Ainda bem, Mistério, que me lembras mesmo quando estou distraída, ainda bem que vens resgatar-me de novo». Então você fica agradecida porque o Mistério toma a iniciativa de novo com você e lhe diz: «Não sente falta de Mim?» Por isso te marcou tanto a pergunta feita por uma pessoa na Escola de Comunidade dirigida a Jesus: «Há algo que você defende de Mim porque tem medo de que ali Eu não possa vencer?» Nós nos castigamos, nos flagelamos, e Ele vem com toda a Sua ternura e nos diz: «Por que tem medo, se estou aqui? Deixa-me entrar de novo?» Desta forma, transformemos esses momentos de pretextos para nos repreender por ainda estarmos mal em ocasiões para nos maravilharmos que ainda haja alguém que ama o nosso nada.

Na verdade não é um flagelar-me. Talvez seja como aquilo que você disse antes: é preciso algo que me faça perceber a minha necessidade para que depois o meu pedido seja sincero.

Carrón. O que fez com que você percebesse a sua necessidade?

Todas essas falas, este encontro.

Carrón. Viu só? A única coisa a fazer, quando acontece, é ir atrás. É como se o Mistério lhe dissesse: «Por que tem medo? Viu como por um momento de Escola de Comunidade, por um encontro como este, por um gesto de oração, por qualquer circunstância eu venho visitar você para não deixá-la sozinha com o seu nada?» A coisa mais espantosa não é sermos pobres coitados, a coisa mais espantosa é descobrir que Ele está sempre presente, que Ele volta, que Ele nunca deixa de nos procurar. Então é como se a pessoa se esquecesse da distração e se enchesse de maravilhamento: «De verdade ainda tens piedade de mim?» É como quando você é amada: apronta de todas, mas a pessoa que te ama volta a te procurar, e justamente isso num determinado momento te espanta. É o que vemos neste momento na Escola de Comunidade acerca de Pedro. Ele fez de

todas, a última que fez foi realmente feia: negou por três vezes que conhecia Jesus; e quando O viu ressuscitado, deve ter pensado – como tantas vezes se dá conosco –: «Que bronca eu vou levar!» Mas nada, nem tocou no assunto. Jesus o desconcerta: «Tu me amas?» Se, em vez de perdermos tempo ruminando sobre o que não dá certo entre nós, nos deixássemos invadir constantemente por esse «Tu me amas?», seria outra história. Porque cresceria o maravilhamento. É a isto que devemos voltar, ao capítulo do “sim de Pedro”. Como nós também aprontamos todas, precisamos ser constantemente alcançados por aquele olhar de Jesus a Pedro que Dom Giussani descreve de modo único. Sem voltar para isso, inevitavelmente nos tratamos mal.

Olá. No outro dia saí pela primeira vez porque precisava buscar uns livros na escola. Eu imaginava que aproveitaria aquela horinha de liberdade, mas o impacto com essa realidade “nova” me desconcertou. Até o bedel, a pessoa mais simples do mundo, me olhava como que dizendo: «Não tenho certeza de que você está bem, fique longe». Diante desse medo nasceram em mim muitíssimas perguntas: como posso aceitar esta circunstância sem me conformar que vai ser assim mesmo? Como aprendo a dizer sim a esta realidade que sem dúvida ultrapassou a nossa imaginação? O período que nos espera me dá medo e não acho que sou capaz de aceitá-lo, e por outro lado não queria reduzi-lo a hábito, senão começo a perder muitas coisas. Como sigo a realidade dramática do hoje sem reduzi-la ao meu temor?

Carrón. Perfeito, esse agora é o desafio que temos à frente, porque uma vez que se produziu a desconfiança – como você viu no bedel –, não é que dá para voltar a página dizendo assim: «Agora todos vamos recuperar a confiança». Não adianta só dizer isso. E então o que pode devolver-nos a confiança de que precisamos para recomeçar? «Recomeço» é a palavra de ordem agora.

Não sei, talvez dar-se conta de que não há só este medo, mas há também muito mais.

Carrón. Principalmente que você possa reconhecer o que é que ficou mais evidente para você a partir de determinadas dinâmicas entre nós, que todos vivemos. O que mais impressionou você?

Impressionou-me o fato de que às vezes fosse útil pedir ajuda para seguir em frente, porque sozinha eu não conseguia.

Carrón. Sabe o que me impressionou? Lembrar as palavras com que começamos a Escola de Comunidade deste ano: justo no momento em que todos nós somos potenciais portadores do vírus e estamos tão frágeis, tendo visto toda a nossa vulnerabilidade, de modo que qualquer coisa nos separa dos outros, há Alguém que toma conta de nós. «Que é o homem, para dele assim vos lembrardes e o tratardes com tanto carinho?», diz o Salmo 8, tão citado por Dom Giussani. Há Alguém que nos ama mesmo se contraímos o vírus, que nos ama mesmo com o nosso mal, que nos ama mesmo quando não confiamos n’Ele. Se a gente não faz no presente esta experiência da positividade última de uma Presença sobre a qual deposita toda a nossa confiança, será difícil vencer com raciocínios a desconfiança que se enfiou em cada canto da nossa vida. Só em virtude da consciência de sermos tão preferidos, só deixando-nos surpreender por essa preferência única de Cristo para conosco, é que podemos aproximar-nos dos demais, com todas as normas de segurança que estabelecemos. Só podemos não nos deixar vencer pela desconfiança porque há Alguém que nos testemunha que nada poderá separar-nos d’Ele. Que certeza São Paulo teria se estivesse aqui entre nós neste tempo de pandemia? Que nada poderia separá-lo do amor de Cristo por ele (cf. Rm 8,35-39). Só isso poderá vencer a desconfiança que se veio a criar.

É como se tudo o que vivemos, devido ao qual tivemos de nos afastar, tivesse produzido outro vírus, a desconfiança, de modo que agora temos de ver o que pode vencê-lo. Quem já fez experiência do que o venceu ou começou a vencer neste período em que estivemos fechados em casa, estará mais treinado, estará mais capaz de cumprimentar o bedel com simpatia, mesmo que ele se retraia, ou de cumprimentar os colegas e os amigos com confiança, porque nós não ficamos determinados pela desconfiança a partir do momento em que há Alguém que a venceu. Nós temos de fazer a verificação se tudo aquilo que o Mistério não nos poupou para deixar-nos viver, para educar-nos e para gerar o nosso eu, agora que tudo está recomeçando, nos permite dar uma contribuição a quem encontramos; temos de verificar se não somos portadores do vírus da

desconfiança, mas do antivírus da desconfiança na relação entre nós, para podermos construir o que vimos acontecer em tantos momentos durante estes meses: é mais bonito quando estamos juntos, quando a vida não nos separa dos outros, quando não introduz uma distância.

Agora é o tempo de preencher essa distância que veio a criar-se. Mas como? Com um amor, com uma paixão pela vida do outro que só podemos receber d’Aquele que tem amor e paixão por nós, como faziam os primeiros cristãos: estavam tão determinados pelo que tinham encontrado e que recebiam constantemente de Cristo, que se aproximavam dos outros sem nenhum temor. A verificação do que vivemos nestes dias de isolamento é um belo desafio e uma oportunidade única para enfrentarmos a próxima fase. Assim vamos poder entender até o fundo o porquê d’Ele não nos ter poupado disso.

Barberis. Julián, permita-me dizer duas coisas. A primeira é técnica, porque me avisaram da direção e também chegaram mensagens de que não deu para ouvir nada da minha introdução. Então queria tranquilizar a todos dizendo que não perderam nada! Porque o bonito de hoje foi justamente esta possibilidade de diálogo, ver e ouvir este diálogo entre você e os rapazes que participaram. A segunda coisa é o que aprendi enquanto escutava: é preciso um eu para viver como homens. Vimos isso estando com você nesta hora. Enquanto você falava, pensei que na vida é possível entender dez ou entender cem, mas a novidade em primeiro lugar não vem de uma compreensão dialética, intelectual, mas vem da possibilidade de ter presenças que com seu modo de viver testemunham uma positividade que antes era inconcebível. E hoje eu vi de novo, então fico infinitamente agradecido. Penso que esta também seja a forma como nos acompanhamos, não só com a proliferação de iniciativas de qualquer tipo, mas sobretudo testemunhando-nos um ao outro a graça desta humanidade mudada.

Antes de concluir, peço-lhe uma ajuda, Julián, acerca das férias comunitárias de verão, que não serão feitas, tal como não haverá a peregrinação dos formandos a Czestochowa. Pode ajudar-nos na compreensão disso também?

Carón. Não fomos nós que decidimos que o desafio do Coronavírus se prolongasse até o período das férias. Nestes meses já fizemos experiência de que quando privilegiamos o imprevisto que pode ocorrer na vida, isso pode virar uma possibilidade de crescimento. Então nós vamos enfrentar a nova fase, incluindo as férias, com isso nos olhos, de modo que o verão não será um tempo perdido por não podermos fazer as coisas de sempre, da mesma forma que não foi um tempo perdido o fato de não termos podido fazer nestes meses as coisas de sempre que fazíamos em outros momentos. Se aceitamos o desafio de que o Mistério não nos poupa, isso nos faz crescer.

Quem disse que, se tivéssemos feito o Tríduo Pascal em Rímini todos juntos, teríamos crescido mais do que crescemos aceitando o desafio que tivemos de enfrentar? Como disse Giussani, quem se poupa do trabalho de viver não poderá entender determinadas coisas, terá uma consciência escassa de si. O mesmo vale para as férias. Não é permitido fazer aglomerações, como nos indicam as autoridades; consequentemente este ano não podemos fazer as férias comunitárias porque não é razoável pôr tudo em risco. Mas isto não quer dizer que não possamos viver intensamente o real que teremos à frente nos próximos meses. Se aceitarmos que não podemos fazer as férias e a peregrinação a Czestochowa, o Mistério poderá dar-nos uma vida ótima de outras maneiras, como já vimos nestes meses. Agora há pouco, uma de vocês citou a pergunta: «Há algo que você defende de Mim porque tem medo de que ali Eu não possa vencer?» É Jesus quem nos pergunta. E é isso que temos de verificar: se conseguimos vê-Lo vencer mesmo tendo de viver as férias diferentemente do normal, porque assim nenhuma circunstância da vida nos parecerá estranha e em nenhuma circunstância não poderemos vê-Lo vencer. Então, só cuidando do que vimos nestes meses é que podemos enfrentar com a mesma e idêntica esperança o futuro próximo.

Até logo, tchau!